

## SÍSIFO: ABSURDO OU REALIDADE?

Bruna Cristina Cavalleiro  
brunazeskicav6@gmail.com

Silvana Dubezkyj  
silvana.dubezkyj@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Sísifo; Filosofia; Verdade;

**RESUMO:** Foi com base no mito de Sísifo que o filósofo existencialista Albert Camus resumiu a tarefa da filosofia, pois, segundo ele, filosofia e Sísifo possuem tarefas análogas (CAMUS, 2011). E é pensando na comparação de Camus que iniciamos as considerações deste trabalho.

Camus demonstra como a filosofia, sendo a ciência que busca respostas, leva os filósofos a serem reféns da verdade tanto quanto Sísifo é da montanha, pois carregam e constroem suas teorias buscando atingir algo que a cada nova ideia se mostra inatingível, dado que os conhecimentos adquiridos pelos filósofos ao longo de sua divagação vão se somando e inter-relacionando de maneira a não chegar a um ponto definitivo e irrefutável de verdade, mas sim abrindo espaço para que novos questionamentos, novas ideias e novas teorias venham à tona, demonstrando a possibilidade de diferentes caminhos para se chegar à verdade almejada. Isso se dá à medida que filósofos como os pré-socráticos, por exemplo, buscavam compreender qual a origem das coisas, cada um propondo um elemento no qual acreditava ser mais plausível como matéria-prima do universo, o que para a filosofia não resultou em um caminho certo e muito menos em uma resposta concreta para qual seria, afinal, a origem de tudo.

O mesmo acontece mais tarde com os filósofos racionalistas, a exemplo de Descartes que comprova sua existência por meio do cogito, os quais são contrapostos pelos empiristas, podendo ser possível citar inclusive David Hume ao opor-se ao argumento do cogito por considerar que a própria racionalização do pensamento pressupõe a experiência (DESCARTES, 2001).

Ainda que individualmente alguns desses filósofos acreditem que chegaram ao conhecimento, para a filosofia como um todo as contribuições deles foram apenas parte do caminho para o objetivo que se almeja atingir, ou seja, o propósito de se alcançar a verdade, seja ela sobre a origem do universo, a essência da existência humana, da individualidade de cada ser ou até mesmo do método mais plausível para se chegar à própria verdade. Independente da verdade buscada a cada época ou por cada pensador, a grande questão é que não se pode dizer, em termos absolutos, que houve sucesso diante de tal empreitada. Cada filósofo busca a verdade, defendendo seus argumentos com base em sua forma de pensar. De um panorama geral, é inevitável concordar com esses pensadores, seja em partes ou durante um período ao menos.

É possível propor que a persistência da falta de êxito da filosofia se dá devido a fatores como o próprio objeto de estudo de que essa ciência trata. Explica-se, a filosofia, dentre tantas definições, pode ser resumida como o estudo das questões

atinentes à natureza humana, englobando conhecimento, verdade e valores. Todos esses fatores são tão inexatos e mutáveis quanto a trajetória do ser humano. Ou seja, à medida que os filósofos, cada qual ao seu tempo, não estavam fazendo mais do que tentar compreender e responder questões atinentes à sociedade em que viveram, é natural que nenhuma resposta possa ser considerada irrefutável, pois essas pseudo e breves respostas partiram simplesmente de um único ponto de vista, em um específico contexto histórico, sob o olhar de um indivíduo que tinha como aparato a limitada realidade a qual teve acesso. Trata-se de uma verdade fotográfica.

Pode-se concluir que a única verdade é que a verdade pura não existe, ao menos na nossa noção comum do que é a pureza. Trata-se, neste momento, de uma análise filosófica sem fim. Pois a qualquer momento surgirá uma nova forma de definir a verdade sobre algo. Até porque, se a verdade tivesse sido encontrada, estaríamos ainda ouvindo novos pensadores? Acredito que não.

Cada novo pensamento a respeito da verdade pura que surge, é um prisioneiro a menos na caverna, e como fica claro no Mito da Caverna de Platão (PLATÃO, 1956), a maioria se acomoda nas verdades que são impostas, e quem pensa além das sombras é impiedosamente julgado pelos que ficaram prisioneiros. Analogamente, Sísifo resolveu pensar além da caverna, quando decidiu viver sua vida de trapaças e desejos, mostrando não estar satisfeito com a permanência em uma caverna de regras impostas pela sociedade em que vivia. Não entremos no julgamento de seus atos nesse momento, mas sua audácia ao novo merece respeito.

A Filosofia justifica sua existência buscando a verdade. Uma tarefa sem fim, assim como a de Sísifo que empurra a pedra até o alto da montanha e quando chega lá, precisa começar toda a tarefa novamente. Cada teoria que surge é fundamentada pelos pensadores até o alto da montanha da verdade, mas então, percebe-se, lá do alto, uma nova visão do todo, e esse trabalho da busca pela essência recomeça montanha abaixo.

Nem a Filosofia, nem Sísifo podem questionar suas tarefas, pois foram suas escolhas, e ambos devem desempenhá-las com plenitude. Pode-se ainda afirmar que Sísifo não escolheu tal castigo diretamente, mas o fez quando optou pelos caminhos de trapaças e prazeres em sua vida terrena.

Pode-se, tranquilamente, aprender com Sísifo que as escolhas existem, mas devemos ser responsáveis pelas consequências trazidas por elas.

## **REFERÊNCIAS:**

CAMUS, A. **O homem revoltado**. 9º ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2011.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. 2º ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

PLATÃO. **A república**. 6º ed. Ponta Grossa: Ed. Atena, 1956. **O mito da caverna**. p. 287-291.